



O conceito de religião aplicado à doutrina budista

The concept of religion applied
to the buddhist doctrine

*Rafael Parente Ferreira Dias**

*Elemar Kleber Favreto***

Recebido em: 17/04/2019. Aceito em: 26/07/2019.

Resumo: *Este artigo pretende apresentar, primeiramente, as controvérsias acadêmicas e filosóficas que envolvem o conceito de religião. Seria possível categorizar, com uma única palavra, as diversas manifestações religiosas existentes no mundo, isto é, classificá-las a partir de um único termo globalizante? O pensamento oriental, sobretudo o budismo, poderia ser definido como “religião”? É possível enquadrá-lo dentro desta perspectiva? Evitando possíveis anacronismos, tentaremos adaptar o conceito eurocêntrico de religião às aspirações filosóficas da doutrina budista. Portanto, a proposta é refletir sobre os conceitos e princípios que integram a fé budista, analisando-os em interface com a cultura ocidental, de modo a aprofundar o debate hermenêutico entre as tradições religiosas do ocidente e do oriente.*

Palavras-chave: *Religião. Budismo. Prática.*

Abstract: *This article intends to present, first, the academic and philosophical controversies that involve the concept of religion. Is it possible to categorize, in a single word, the various religious manifestations existing in the world, that is, to classify them from a single globalizing term? Could Eastern thought, especially Buddhism, be defined as “religion”? Is it possible to frame it within this perspective? Avoiding possible anachronisms, we will try to adapt the Eurocentric concept of religion to the philosophical aspirations of Buddhist doctrine. Therefore, the*

* Doutor em Ciências das Religiões (Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018). Mestre em Filosofia (Universidade Gama Filho, Rido de janeiro, 2011). Graduado em Filosofia (Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008). E-mail: rafael.dias@uerr.edu.br

** Mestre em Filosofia (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel, 2005). Bacharel e Licenciado em Filosofia (Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Cascavel, 2007). E-mail: elemar@uerr.edu.br





proposal is to reflect on the concepts and principles that integrate the Buddhist faith, analyzing them in interface with Western culture, in order to deepen the hermeneutic debate between the religious traditions of the West and the East.

Keywords: Religion. Buddhism. Practice.

1 Introdução

O Budismo tem sua origem nos ensinamentos de um jovem príncipe indiano chamado Siddharta Gautama, que ao testemunhar a miséria e o sofrimento inerentes à vida humana, renunciou à segurança e aos confortos do lar a fim de encontrar uma solução definitiva para os problemas existenciais. Em Bodhigaya, no nordeste da Índia, ele se sentou sob o abrigo de uma árvore e jurou jamais se levantar até ter alcançado as verdadeiras respostas às suas inquietudes. Noites e dias inteiros se passaram, até que finalmente sua busca é saciada, algo novo surgiu desde as profundezas de sua mente: *uma autêntica lucidez*, a irresoluta convicção da unidade primordial, imutável e infinita da existência. Quando despertou de seu estado meditativo, o príncipe Siddharta já não existia mais, havia morrido juntamente com todas as suas dúvidas, medos e frustrações; consciente do potencial ilimitado de sua mente tornou-se um Buda¹.

Poderíamos dizer que a partir deste momento (a iluminação de Siddharta) nasce no Oriente um vigoroso movimento religioso que ainda hoje sobrevive com milhares de seguidores ao redor do mundo. Mas será correto utilizar a palavra “religião” (termo ocidental adaptado ao seu próprio contexto cultural) para definir os ensinamentos de Buda? Em linhas gerais, nossa investigação gravitará em torno dessas sutilezas interculturais, objetivando, sobretudo, o aprofundamento cuidadoso da doutrina budista e dos diversos modos de concebê-la. Para tanto, como suporte teórico, utilizaremos pesquisadores da área das Ciências das Religiões, bem como textos e autoridades budistas a fim de aprofundarmos as discussões relacionadas com a problemática do artigo.

¹ Palavra sânscrita que significa “o desperto”, “o iluminado”. Portanto, não é um nome próprio, mas um título conferido a qualquer indivíduo que tenha alcançado a iluminação espiritual. Trata-se da meta última do budismo onde um determinado nível de consciência é atingido no qual a sabedoria e a bem-aventurança se manifestam em máximo grau.



2 Religião: conceito indefinível e inclassificável

Antes de analisarmos se é possível ou não dizer que o pensamento budista é religioso, faz-se necessário definir o conceito *religião*. Dois termos surgem nos primeiros séculos da era cristã indicando a origem e o significado da palavra *religião*: *religio* e *religare*. Segundo Klaus Hock (2010), o orador e escritor romano Cícero (106-43 a.C.) teria definido o termo *religio* como um “cultivo aos deuses” marcado, sobretudo, pela precisão na execução ritualística, uma espécie de observação cuidadosa das regras do culto. A palavra *religare*, ao contrário, não se dirigia às formalidades ritualísticas, talvez por isso tenha se tornado mais proeminente, mais adaptada às exigências da fé cristã, significa literalmente “religar”, ou seja, conectar o homem a sua essência divina – Deus –, alcançando assim uma dimensão transcendente, reforçando a relação místico-espiritual entre criador e criatura.

Lactânio (séc. III-IV d.C.) e depois Santo Agostinho (séc. IV d.C.) foram os defensores do prevailecimento do termo *religare*; eles sugerem que *religio*, na verdade, deriva de *religare*, portanto a palavra perderia seu estatuto formal-ritualístico para se tornar uma mensagem filosófica, senão poética, acerca da conexão essencial entre homem e Deus².

Após muitos séculos de estudos e transformações sócio-culturais, hodiernamente, o estudo das manifestações religiosas é potencializado devido ao surgimento, ainda que tardio, da matéria acadêmica *Ciência da Religião*, a qual fora institucionalizada em solo europeu em meados do século XIX³. Interessante observar que desde sua criação, a Ciência da Religião nunca abandonou do seu vasto campo de estudos a inquietante pergunta: o que é religião? Tal questionamento ainda permanece com avantajado brilho nos corredores acadêmicos, como podemos perceber na citação a seguir:

A pergunta pelo conceito e pelo termo religião leva imediatamente ao centro da Ciência da Religião e, ao mesmo tempo, a um de seus debates internos mais importantes, que não será concluído num futuro próximo – e provavelmente também não poderá ser concluído⁴.

² Cf. FILORAMO; PRANDI, 1999, p. 255-256.

³ Cf. USARSKI, 2006, p. 15.

⁴ HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 17.



Corroborando com o posicionamento crítico de Klaus Hock, a Escola italiana de História das Religiões, cujo fundador foi Raffaele Pettazzoni (1883-1959), também sinaliza com vigor a imprecisão do termo “Religião”. Esta, primeiramente, não pode ser compreendida como um fenômeno social isolado, desconectado de um contexto cultural próprio. Nesse sentido, a religião transforma-se em “religiões”, pois cada fenômeno religioso, especificamente, possui seus próprios condicionamentos históricos, geográficos, linguísticos etc., os quais determinam peremptoriamente sua constituição interna e seus efeitos no grupo social. Trata-se de compreender a religião como historicidade factual, construída pela razão histórica enquanto subproduto das relações culturais.

O professor Adone Agnolin, analisando a Escola italiana, faz importantes considerações sobre a característica híbrida do termo *religião* e a impossibilidade de utilizá-la no singular:

De fato, contra a proposta de abordar a Religião no singular, porque entendida e conceituada enquanto objeto sólido, a metodologia histórico-religiosa italiana vem se destacando por um pressuposto prioritário, necessário e fundamental: aquele de uma “des-objetivação” da Religião que, portanto, é projetada numa perspectiva comparativa (e, então, plural) e histórica (isto é, relacional). Esta operação de historicização do próprio conceito de Religião, antes, enquanto instrumento fundamental para constituir uma comparabilidade das religiões, depois, é o significado mais peculiar conexo e sintetizado no nome da disciplina: História das Religiões⁵.

Objetivando aprofundar o debate, tomemos, por exemplo, de um modo bem simplório, a seguinte definição: “Religião é a crença em um Deus criador”. Tal postulado perde instantaneamente seu valor quando comparado com o pensamento budista, cuja crença em um deus criador é inexistente. A diversidade religiosa lança-nos em sérios apuros quando buscamos englobar com um único termo doutrinas religiosas multiformes. Ora, o próprio termo “religião”, como foi demonstrado acima, emerge num contexto eurocêntrico muito distante da realidade religiosa de outros povos, não cabendo, portanto, o seu uso em outros cenários históricos, sob pena de cairmos em graves anacronismos.

⁵ AGNOLIN, Adoni. O debate entre história e religião em uma breve história da história das religiões: origens, endereço italiano e perspectivas de investigação. *Projeto História*, vol. 37, São Paulo, dez. 2008. p. 14.



Vemos, portanto, certo consenso dentre os pesquisadores das Ciências das Religiões em não universalizar o termo religião, a prudência é altamente indicada quando buscamos realizar algum tipo de classificação globalizante. Quando remetida aos moldes religiosos, qualquer categorização metodológica corre o sério risco de excluir características essenciais de uma ou outra forma religiosa ou, na pior das hipóteses, corre-se o risco de exclusão da própria forma religiosa – dada sua grande variedade ao redor do mundo. A esse respeito, vejamos o posicionamento de Saussaye:

É extremamente difícil dar uma classificação satisfatória das religiões. Procura-se classificá-las segundo os seus caracteres essenciais; mas o que é essencial para uma é muitas vezes secundário para outra e sempre se corre o risco de separar, sem razão suficiente, religiões da mesma natureza, e aproximar outras que se não assemelhem⁶.

Diante do exposto, percebe-se que as Ciências das Religiões ainda permanecem um campo aberto para múltiplas interpretações. A indomável capacidade humana de se colocar perguntas, inclusive em primeira pessoa, transforma esta ciência em um campo virginal de exploração. O cientista da religião encara seu campo de estudo como um processo de conquista, um terreno arenoso recoberto com esperanças e incertezas, marcado por aberturas conceituais e redescobertas filosóficas, um horizonte construído hermeneuticamente através do diálogo entre diversas culturas e suas respectivas manifestações religiosas.

3 O budismo e o conceito de religião

Após nossa análise histórica acerca da palavra religião, temos mais elementos e condições para poder aplicá-la ao contexto da tradição budista. Diferentemente de outras grandes tradições religiosas (Judaísmo, Islamismo, Cristianismo) onde a religião sempre atuou de modo suplementar, agregando ao modo de ser do indivíduo certa subordinação existencial ao Deus criador, o budismo, ao contrário, não estabeleceu uma relação convencional com a divindade, tampouco de subordinação. A relação de dependência entre criador e criatura não encontra eco nos ensinamentos de Buda. A religiosidade budista gravita ao redor da compreensão da mente humana e suas possibilidades de desenvolvimento.

⁶ SAUSSAYE, Chantepie. *História das Religiões*. Lisboa: Inquérito, 1940. p. 16.



Entretanto, acreditamos ser possível compreender o Budismo no sentido originário do termo *Religare*. Ou seja, a meta budista seria religar o homem à sua essência, à sua mente primordial e pura. Acreditamos que o termo religião, mesmo sendo de origem ocidental e cristã, poderia ser empregado, guardando devidos cuidados, ao budismo. A lógica eurocêntrica do *religare* é plausível no contexto budista mediante a inevitável necessidade de ajustes conceituais e doutrinários, evitando assim os perigos do anacronismo.

O praticante budista, assim como o cristão, também persegue o *religare*, porém ao invés de buscar conexão com algum deus transcendente, o budismo dirige seus esforços à aquisição da mente primordial. Qualquer indivíduo que tenha alcançado a insuperável iluminação, por consequência também alcançará o *religare*. Portanto, ambas as tradições buscam a salvação, a diferença é que o cristianismo depositou os atributos salvíficos em um Deus transcendente, exterior. Já os budistas *objetivaram* sua salvação na experiência *interior*. Contudo, independentemente do nome – Deus ou *Nirvaṇā* – estes dois termos expressam algumas características semelhantes (verdade, perfeição, virtude, bem-aventurança, libertação, paz, ausência de sofrimento etc.) perseguidas por ambas as tradições.

O budismo enquanto *religare* direciona toda sua energia à investigação da mente humana, insere-se numa perspectiva prática, prescrevendo aos seus praticantes técnicas especiais, objetivando o constante acúmulo de virtudes e sabedoria:

Quando você é treinado como budista, não pensa no budismo como uma religião. Você pensa nele como um tipo de ciência, um método para explorar a própria experiência por meio de técnicas que lhe permitam examinar suas ações e reações sem julgamentos, com o olhar voltado para o reconhecimento: “Ah, é assim que minha mente funciona. É isso que preciso fazer para vivenciar a felicidade. É isso que preciso para evitar a infelicidade.”⁷

A religião, na ótica budista, converte-se numa busca constante pela pacificação mental, a metodologia do dharma é o “olhar interior”, todas as possibilidades de salvação encontram-se aí; o autêntico caminho búdico, irremediavelmente, parte do interior do próprio homem. Por isso,

⁷ RINPONCHE, Yongey Mingyur. *A Alegria de Viver*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. p. 12.



Alguns estudiosos consideram ser o budismo psicologicamente a mais interessante das grandes religiões mundiais. Porque, na esteira da sua própria experiência – que o levou à libertação final, ao Nirvana [nibānna] –, o Buda não apontou para uma suprema força exterior (um Deus ou deuses) como condição indispensável para a obtenção desta libertação ou salvação, mas, sim, para o interior; para a dinâmica da nossa vida mental e espiritual.⁸

O “olhar para fora” não é uma mensagem comum encontrada nos textos budistas, tampouco a dependência de forças sobrenaturais a fim de alcançar prerrogativas materiais ou mesmo espirituais. O caminho assinalado por Siddharta Gautama é absolutamente prático e voltado para a interioridade; nenhuma esperança escatológica poderia vir de fora; longe de fomentar convicções dogmáticas, a religiosidade proposta pelo Buda é uma forma de vida totalmente dirigida ao aperfeiçoamento de si. Um conhecimento que não canalize esforços em prol do *despertar*, da insuperável sabedoria, é algo absolutamente inútil.

No sutra dos Kalamas (importante texto canônico budista), ao ser interrogado por um nativo sobre que validade haveria em seus ensinamentos, o Buda Sakyamuni teria afirmado: “Testem o que eu digo, que não se deve aceitar uma doutrina somente porque este é nosso professor e sim quando tivermos convicção deste professor, se de alguma forma for útil a vocês, apliquem, se não for útil a vocês, abandonem”.

A passagem acima expressa uma religiosidade incomum, principalmente se a compararmos com as grandes religiões monoteístas, tipicamente exclusivistas. Elas dificilmente admitiriam a perda de um devoto, pois perdê-lo é o mesmo que *fechar as portas do paraíso*, condená-lo ao exílio eterno, às penosas mortificações do inferno. Ao contrário, Buda aconselhou seus ouvintes a *experimentar* sua mensagem, caso não lhes fosse útil que a abandonassem. Nada mais lógico e racional! Racionalidade e fé são duas esferas de difícil comunicação, porém, com Sidharta Gautama parece que ambas se harmonizam diligentemente.

Portanto, percebe-se na mensagem budista um sério compromisso com a *verdade praticada*, isto é, sua descoberta está inexoravelmente ligada à utilização de métodos capazes de despertar as ocultas faculdades latentes na mente humana. Tal proposta se opõe diametralmente à *verdade*

⁸ COHEN, Nissim. *Ensinaamentos do Buda: uma Antologia do Cânone Páli*. São Paulo: Devir Livraria, 2008. p. 33.



revelada, característica das religiões monoteístas, cuja revelação mística depende da fé submissa ao Deus criador e da obediência estrita às suas leis. Quando confrontadas, essas duas “verdades” revelam distinções irreparáveis: a primeira (focado no indivíduo) baseia-se no método empírico para sua validação – toda responsabilidade está no praticante (triunfo ou fracasso); a segunda (focada no exterior) é o método da conversão, da entrega incondicional, isto é, sendo útil ou não, agradando ou não, deve-se aderir à mensagem do deus único, as escolhas religiosas estão fora do seu escopo, a verdade já escolheu seu rebento, qualquer outra direção estará fadada a castigos e mortificações póstumas; conversão, fé e obediência são condições *sine qua non* para o triunfo deste método.

Acreditar numa força superior tendo por base unicamente o valor da tradição é uma postura considerada pouco sábia por Buda, por isso ele dirige todos os seus esforços para a interioridade, sua meta é conscientizar a humanidade da necessidade do autoexame, do conhecimento de si mesmo. Quando voltamos nossa atenção para nós mesmos constatamos uma tremenda realidade: nossa subjetividade é um universo psíquico escassamente explorado. À medida que avançamos na direção da natureza búdica, da mente interior, aumentamos nosso potencial de sabedoria, e, conseqüentemente, ficamos menos submetidos aos condicionamentos exteriores.

4 A autêntica religiosidade está “na outra margem”

Até aqui fizemos um estudo acerca da palavra religião e sua relação com o budismo. Agora, buscaremos aprofundar um pouco mais nossas análises. Voltemos à pergunta: o que é “religião”? Será que este conceito é igualmente compreendido por monges vulgares e mestres iluminados? Parece-nos haver grandes diferenças epistemológicas, as quais serão desenvolvidas a seguir.

Se analisarmos a vida dos seres iluminados concluiremos que existe uma diferença abismal entre eles e os homens comuns. Para os primeiros, a religião deixou de ser um “caminho”, não há mais caminho, pois este já foi percorrido, a *outra margem já foi alcançada*, as opiniões e incertezas foram substituídas pela sabedoria da mente primordial; para os segundos (indivíduos não-iluminados), a religião é o “caminho”, pois este ainda está sendo percorrido, de modo que as práticas espirituais – meditação, visualização, ritos, etc. – possuem importância decisiva, pois sem elas não há possibilidade de alcançar a grande meta: a iluminação.



Corroborando com nosso posicionamento, Heinrich Zimmer explica a diferença entre um mestre realizado e um praticante ordinário:

As regras da doutrina destinam-se aos principiantes e aos discípulos avançados, mas se tornam insignificantes para os perfeitos. Carecem de utilidade para o verdadeiro iluminado, exceto quando, em seu papel de mestre, faz uso delas como meio de sugerir a verdade que alcançou [...] Tornando-se acessível à ignorância relativa ou total, a doutrina pode atingir a mente ainda imperfeita, embora ardente; contudo não tem mais nada a dizer para aquele cuja mente se liberou da escuridão. Como a canoa, a doutrina precisa ser deixada para trás tão logo o objetivo tenha sido alcançado, pois a partir daí nada mais será que uma carga inútil.⁹

Homens perfeitos! Mesmo no budismo não encontramos muitos quando os comparamos ao número total de devotos e simpatizantes. Padmasambava, Virupa, Metripa, Shantideva, Milarepa, etc., todos estes mestres conformam o ilustre círculo esotérico dos *budas iluminados*, homens que *alcançaram a outra margem*. Utilizaram a grande barca (doutrina) por um período até o ponto em que suas mentes se transformaram na própria Lei, libertando-os de qualquer condicionamento adventício. A tradição budista não tem dúvida quanto à realização interior desses indivíduos, suas biografias retratam curas milagrosas, levitações fantásticas, austeridades supra-humanas, e façanhas místicas inenarráveis, como é o caso de Virupa que parou o curso do sol por sete dias utilizando unicamente seus poderes místicos¹⁰.

Para os homens *da outra margem*, o mundo converteu-se em prestidigitação, ilusão dos sentidos, não é mais sólido e real como antes, agora possui pálidos contornos, é inconsistente, transitório. A grande diferença entre os seres iluminados e os não-iluminados é que os primeiros têm *domínio, controle* de suas faculdades subjetivas. Um Milarepa, por exemplo, é capaz de levitar a qualquer hora, basta surgir a necessidade e o fenômeno é produzido. Por outro lado, um monge comum não tem domínio completo de suas faculdades, eventualmente pode vivenciar algum fenômeno sobrenatural, mas nada lhe garante a repetição do mesmo, é absolutamente contingente; pode ser que num dado momento, por alguma razão desconhecida, ele consiga levitar, alcançar visões místicas

⁹ ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 2015. p. 342-343.

¹⁰ Sobre a vida e os feitos notáveis de Virupa, Cf. DOWMAN, 1988.



ou curas milagrosas, porém, todas essas faculdades simplesmente chegam até ele, não há *controle* algum.

A seguir, apresentamos uma passagem do *Dhammapada* que exalta as boas qualidades dos homens que alcançaram a *outra margem*:

Aquele cuja vitória (sobre as paixões) em todos os tempos nunca foi ultrapassada nem mesmo igualada, o Supremo Desperto, que está na esfera ou no domínio que nada pode limitar, como despistá-lo, a ele que não deixa pegadas [...] Até os próprios seres divinos admiram os que se deleitam na Renúncia (Nirvana) tal como os Plenamente Atentos – os Budas [...] Não há mérito comparável ao do homem que reverencia um Buda, ou seus discípulos, estes que deixaram a margem do sofrimento, superando todos os obstáculos, e passaram para a outra margem¹¹.

“A outra margem” representa a natureza fundamental da mente, límpida e transparente, é a realização do nosso potencial espiritual inato, não maculada por nenhum egocentrismo, vícios, desejos ou paixões. Todos os seres humanos nascem com esse potencial espiritual ou *natureza búdica*, aqueles que logram descobri-la e colocá-la em atividade tornam-se seres iluminados, despertos, auto-realizados. Segundo Kalu Rinpoche (2007), a natureza fundamental da mente é chamada *tathāgatarbha*, uma descrição muito sutil e aberta a diferentes interpretações. Literalmente, significa “a natureza daqueles que foram naquela direção”, “Aqueles que foram naquela direção”, são as pessoas que atingiram a completa iluminação.

Siddharta Gautama, em muitos sutras, chama a si mesmo por este epíteto: *tathāgatarbha*. Grande parte dos comentadores budistas admite a complexidade de definir este termo, porém o fato concreto é que, em muitas de suas acepções, ele está diretamente ligado ao Buda, ao homem que se livrou do sofrimento e alcançou a beatitude espiritual: “[...] Os *tathāgata* apenas apontam o caminho. Os meditativos que seguem o Caminho se libertam dos liames de Mâra¹²”.

Poderíamos dizer que o apogeu da fé budista encontra-se radicada na figura do homem iluminado. Os princípios da religiosidade brotam de sua inspiração mística, ele é o princípio e o fim de toda espiritualidade, a razão de ser da doutrina, tudo gravita ao seu redor. Como homem liberto,

¹¹ DHAMMAPADA. Trad. Dr. Georges da Silva. São Paulo: Pensamento, 2007. p. 37-38.

¹² DHAMMAPADA, 2007, p. 46.



sua missão é alertar a humanidade sobre a importância de “cruzar o rio” e “alcançar a outra margem”:

Entrar no veículo budista – a barca da disciplina – significa começar a cruzar o rio da vida, desde a margem da experiência comum de não-iluminação, da ignorância espiritual (avidyā), do desejo (Kamā) e da morte (marā), até a longínqua margem da sabedoria transcendental (vidyā), que é a liberação (mokṣa) desta escravidão geral¹³.

A barca que nos ajuda a fazer a travessia de um lado a outro da margem é a doutrina budista, seus mantras, ritos, moralidade, textos, técnicas meditativas etc. Enquanto a iluminação não é alcançada, o discípulo deve contentar-se com as ferramentas da barca, fazendo dela uma verdade provisória, algo que, num dado momento, deve ser abandonado. Siddharta Gautama também precisou das ferramentas da barca. Se tivesse desistido delas talvez se convertesse em um grande profeta, um sábio, um visionário, ou em um respeitado faquir, mas não seria um *buda*. Siddharta foi além, não estava interessado em *meias verdades*, em vislumbres momentâneos, em conquistas parciais, sua aspiração lançava-o em direção ao absoluto, à total extinção da dúvida, à vacuidade primordial – *pelo nada que em si é tudo*:

Através do espaço não há caminho. O nobre sâmana (asceta) encontra o caminho no seu interior. A humanidade se deleita nos prazeres mundanos que são os obstáculos do caminho, mas os Tathagatas sobrepujam este obstáculo [...] No mundo criado (condicionado) nada é eterno. Só os Budas que passaram para a outra margem do rio do tempo estão para sempre na eternidade¹⁴.

Despertar do sono onírico e evidenciar a ilusão na qual estamos inseridos, perceber que, na realidade mais profunda de nós mesmos jamais fomos afetados por coisa alguma, que todo sofrimento é transitório e irreal – tais considerações só são possíveis ao homem iluminado. Por isso, o mistério central está ancorado na sua figura. Nenhum rito sagrado se compara à beleza do homem liberado, os efeitos do seu verbo tocam regiões ignoradas pelo mantra, sua mente tornou-se um manancial de silêncio e seus desejos perderam-se na vacuidade.

A rigor, nenhum outro indivíduo teria condições de conceituar sobre a realidade metafísica, suas limitadas possibilidades o traem,

¹³ ZIMMER, 2015, p. 342-343.

¹⁴ DHAMMAPADA, 2007, p. 43-44.



lançando-o no terrível labirinto das teorias; somente um indivíduo desperto poderia falar daquilo que experimentou. Só ele teria condições de *perceber empiricamente* a verdade búdica e sentir a profunda vacuidade de si mesmo, não diferenciado de qualquer outro fenômeno.

Seguramente, o intelecto não poderia nos fornecer tal evidência, poderia conceituar sobre o assunto, mas sem tirar qualquer proveito real de suas conjecturas. Não obstante, o enfoque principal do budismo é o próprio homem e sua prática espiritual, somente ele pode tirar a si mesmo do estado de ignorância no qual se encontra, a menos que se empenhe duramente no exercício das práticas budistas, dificilmente terá êxito e suas conclusões acerca da realidade serão sempre pouco elucidativas e inclinadas a um perigoso subjetivismo, que poderia mais afastá-lo do que aproximá-lo da *experiência mística do vazio iluminador*.

5 Considerações finais

Ao longo desse artigo tentamos mostrar o perigo das definições unificadoras, sobretudo no tocante à religião. O budismo, enquanto objeto de estudo religioso, integra o conjunto multidisciplinar das Ciências das Religiões. No entanto, se quisermos enquadrá-lo dentro de alguma tipologia acadêmica, devemos ser muito cuidadosos, haja vista a enorme complexidade hermenêutica que integram os textos budistas e suas mais variadas interpretações. Critérios bipolares como transcendência e imanência, por exemplo, podem refletir duras contradições se os analisarmos conforme os apontamentos paradoxais do *Prajñāpāramitā*. (importante sutra do budismo *Mahāyanā*).

De fato, os rótulos sempre carregam consigo o perigo da limitação, da insuficiência. Acreditamos que o papel científico das Ciências das Religiões seja justamente conscientizar-nos da variedade e multiplicidade que está envolvido no termo “religião”. O grande desafio é descentralizar o conceito do ranço eurocêntrico cristão. Defendemos aqui o emprego responsável desta palavra, levando em consideração que ao se referir a qualquer fenômeno religioso devemos sempre ter em mente a sua pluralidade e especificidade.

Concluimos esse texto enfocando o caráter humanístico do budismo. Desde o início do artigo o foco das questões gravitou ao redor do desenvolvimento interior e a consequente extinção do sofrimento. O sabor da doutrina budista é o próprio nirvana! A máxima felicidade está



aí. Experimentar o vazio iluminador, a beatitude do nirvana é adentrar no salão nobre do budismo, é compreender a sabedoria dos budas ditos e bem-aventurados, é experimentar o misticismo mais profundo, é o encontro definitivo com a doutrina e com a própria religião, é o ponto matemático onde a dúvida é dissipada pela mente luminosa.

Referências bibliográficas

AGNOLIN, Adoni. O debate entre história e religião em uma breve história da história das religiões: origens, endereço italiano e perspectivas de investigação. *Projeto História*, vol. 37, São Paulo, dez. 2008 p. 13-39.

_____. *História das Religiões: Perspectivas histórico-comparativas*. São Paulo: Paulinas, 2013.

ARAÚJO, Paulo Afonso de. O estudo filosófico da religião. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Org.) *Um olhar filosófico sobre a Religião*. Aparecida: Ideias & Letras, 2012.

BUGAULT, Guy; KAPANI, Lakshmi. O Buda e o aprofundamento da vida moral no budismo. In: CANTO-SPERBER, Monique (Org.) *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2007.

COHEN, Nissim. *Ensinamentos do Buda: uma Antologia do Cânone Páli*. São Paulo: Devir Livraria, 2008.

CONZE, Edward. *Budismo: sua essência e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

DHAMMAPADA. Trad. Dr. Georges da Silva. São Paulo: Pensamento, 2007.

ERNEST, Yassine Bendriss. *Breve Historia del Budismo*. Madrid: Nowtilus, 2014.

DOWMAN, Keith. *Masters of Mahamudra: Songs and Histories of the Eighty-Four Buddhist Siddhas*. New York: State University of New York Press, 1985.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. *As Ciências das Religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.



RINPONCHE, Yongey Mingyur. *A Alegria de Viver*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

RINPOCHE, Kalu. *Ensinos Fundamentais do Budismo Tibetano*. Budismo Vivo, Budismo Profundo, Budismo Esotérico. Brasília: Shisil, 1999.

SAUSSAYE, Chantepie. *História das Religiões*. Lisboa: Inquérito, 1940.

SEVERINO, Roque Enrique. *Manual de Budismo*. São Paulo: Edição do autor, 2010.

USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da Religião*: cinco ensaios em prol de uma ciência autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

ZIMMER, Heinrich. *Filosofias da Índia*. São Paulo: Palas Athena, 2015.